



ENTRE BECAS E ALDEIAS: PERCURSOS DE REEXISTÊNCIA DOS POVOS KARIRI-XOCÓ E FULNI-Ô NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Márcia Denise Rodrigues Alves Saraiva – UnB

Grupo de Trabalho: GT 9 – Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Interseccionalidade

RESUMO:

A pesquisa investiga as trajetórias políticas e profissionais de estudantes indígenas egressos da Universidade de Brasília (UnB), pertencentes aos povos Kariri-Xocó e Fulni-ô, buscando compreender os sentidos atribuídos à formação universitária em suas experiências comunitárias. O estudo ancora-se em uma abordagem qualitativa e narrativa, fundamentada nas perspectivas decoloniais e interculturais (WALSH, 2009; MIGNOLO, 2003; ANZALDÚA, 2004), e propõe um olhar que ultrapassa a lógica das políticas de acesso, situando o ensino superior indígena como campo de disputa epistêmica e política. Ainda em fase de construção do campo empírico, a pesquisa desenvolve um percurso teórico-metodológico que se inspira em práticas de escritas de si (DAVEY, 2014) e metodologias de escuta (KRENAK, 2019; BENJAMIN, 1994), concebendo a investigação como um processo ético de aproximação e diálogo com os egressos. O estudo parte da hipótese de que o ingresso de estudantes indígenas na UnB, por meio do vestibular indígena em parceria com a FUNAI, constitui não apenas uma política pública, mas um movimento de reexistência que tensiona as fronteiras entre a universidade e o território. Ao articular saberes acadêmicos e saberes ancestrais, pretende-se analisar de que modo a formação universitária tem reverberado nas comunidades, provocando ressignificações identitárias, pedagógicas e políticas. O trabalho busca contribuir com o debate sobre as políticas públicas de educação superior indígena e com a urgência de descolonizar os modos de produção do conhecimento.



Palavras-chave: Povos indígenas; Universidade; Decolonialidade; Políticas públicas; Reexistência.

1. INTRODUÇÃO

Quando um corpo indígena atravessa o portão da universidade, não é apenas um sujeito que chega é toda uma ancestralidade que se move. Esta pesquisa nasce do desejo de compreender o que acontece depois da colação de grau: quando a beca é dobrada, o diploma emoldurado, e os corpos retornam ou não aos seus territórios. O estudo volta-se às trajetórias de estudantes indígenas egressos da Universidade de Brasília, pertencentes aos povos Kariri-Xocó e Fulni-ô, reconhecendo nesse movimento uma potente travessia entre mundos.

Os Kariri-Xocó, povo de língua Kariri, habitam a região do baixo São Francisco, no município de Porto Real do Colégio (Alagoas), onde vivem à margem do rio que lhes dá sustento e espiritualidade. São herdeiros de uma história de resistência marcada pela expulsão de seus territórios originários e pela rearticulação de identidades no encontro entre povos Kariri e Xocó. Já os Fulni-ô, localizados em Águas Belas (Pernambuco), mantêm viva a língua Yaathe, de tronco macro-jê, e são um dos raros povos do Nordeste que conseguiram preservar o uso cotidiano de sua língua nativa. Sua vida comunitária é profundamente marcada pelo Ritual do Ouricuri, prática espiritual que reforça a conexão entre corpo, terra e palavra.

A investigação situa-se no campo dos direitos humanos e das políticas públicas, tendo como foco a educação superior indígena e suas reverberações comunitárias. Busca-se compreender como a formação universitária tem sido apropriada, reinterpretada e reterritorializada por sujeitos que habitam, simultaneamente, a aldeia e a universidade.

No Brasil, as políticas de ingresso indígena no ensino superior, fruto de décadas de luta dos movimentos sociais, representam avanços significativos, mas também revelam as contradições da permanência. A UnB, com seu vestibular indígena instituído em parceria com a FUNAI, constitui um caso exemplar dessas tensões:



entre a promessa da inclusão e os limites de uma instituição ainda marcada pela colonialidade do saber (QUIJANO, 2000; SANTOS, 2019).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo se ancora nas epistemologias do Sul (MIGNOLO, 2003; SANTOS; MENESES, 2018) e nas pedagogias decoloniais (WALSH, 2009), compreendendo que o conhecimento não é neutro, mas atravessado por relações históricas de poder. A colonialidade, entendida como herança estrutural que hierarquiza saberes e sujeitos, continua operando na universidade e nos modos de legitimar a produção científica.

Nesse contexto, as contribuições de Gloria Anzaldúa (2004) e sua noção de consciência mestiça inspiram a leitura das travessias indígenas na academia como experiências de fronteira, que obrigam o sujeito a negociar identidades e linguagens. A pesquisa também dialoga com Ailton Krenak (2019), cuja crítica à ideia de humanidade separada da Terra convoca a repensar o próprio sentido de educação.

Walter Benjamin (1994) contribui com o conceito de experiência e memória, compreendendo o narrar como forma de transmissão de sabedoria e resistência à lógica do progresso linear. Por fim, as reflexões de bell hooks (2003) sobre a educação como prática da liberdade e a escrita íntima e fragmentária orientam a postura da pesquisadora implicada, sensível e ética diante das histórias que escutará e escreverá.

3. METODOLOGIA

A pesquisa encontra-se em fase de preparação de campo e delineamento dos instrumentos de coleta. O percurso metodológico será guiado por uma abordagem etnográfica narrativa, inspirada na sociopoética e na pesquisa-formação (SOUZA, 2004). Serão realizadas entrevistas narrativas e diálogos compartilhados com egressos indígenas Kariri-Xocó e Fulni-ô que concluíram cursos de graduação na UnB entre 2010 e 2024.



Além das entrevistas, a metodologia prevê observações em contextos comunitários e análise documental de políticas públicas de educação superior indígena. A pesquisadora se coloca como parte implicada do processo, assumindo a escrita como território de afeto e reflexão. O trabalho de campo será pautado pelo princípio da escuta responsável e do respeito às epistemologias locais, reconhecendo que o conhecimento emerge do encontro e não da coleta.

4. RESULTADOS/DISCUSSÃO

Embora ainda não tenha iniciado a etapa empírica, a análise teórica e documental já permite identificar que o acesso e a permanência de estudantes indígenas na UnB expressam movimentos de luta por reconhecimento e justiça epistêmica (FRICKER, 2007).

Pressupõe-se que as trajetórias desses egressos possam revelar estratégias de resistência e invenção, modos de recriar a universidade a partir das margens. Esperase compreender como as políticas públicas, os programas institucionais e as redes de apoio têm impactado suas trajetórias, bem como os sentidos simbólicos e políticos que a formação universitária adquire quando atravessada pelos saberes tradicionais.

A pesquisa, ao enfatizar a dimensão intercultural e política da formação, pretende contribuir para a construção de práticas educativas comprometidas com a pluralidade epistêmica e com o direito de existir e aprender de modos diversos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que uma análise sobre políticas de educação superior, este estudo busca ouvir histórias que atravessam fronteiras entre aldeia e cidade, entre oralidade e escrita, entre o saber ancestral e o saber acadêmico. A pesquisa propõe pensar a presença indígena na universidade não como dado estatístico, mas como movimento de reexistência que desafia a própria estrutura da academia.

Compreender as experiências dos povos Kariri-Xocó e Fulni-ô na UnB é também refletir sobre as condições de possibilidade de uma universidade outra: aquela que



reconhece o chão de onde fala, que se deixa afetar pelas vozes que historicamente foram silenciadas e que se abre ao diálogo entre mundos.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. Borderlands/La Frontera: The New Mestiza. In: **Feminist Studies**. Routledge, 2004. p. 653-662.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza**. In: Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FRICKER, Miranda. **Epistemic injustice: Power and the ethics of knowing**. Oxford university press, 2007.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2003.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2018.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais / desenhos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber**. CLACSO, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2019.

SOUZA, Elizeu Clementino de. O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores. 2004.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Abya-Yala, 2009.